

O desejo do analista e suas implicações na transferência

Cristiane T. Sampaio

Desde que enveredei pelo caminho da psicanálise, o conceito de transferência me encanta e intriga, porque é uma manifestação que aponta para o cerne da experiência psicanalítica.

Acompanhando Lacan, no seu retorno a Freud, sobre este tema, foi se depurando na minha leitura o conceito do desejo do analista, aquele “desejo mais forte” que não permite que o analista chegue “as vias de fato com seu paciente, tomando-os nos braços ou atirando-o pela janela” (Lacan, 1992, p.187). Com efeito, a transferência funciona em muitas práticas, mas o que especifica a prática propriamente psicanalítica é a resposta do analista à transferência da qual ele é o suporte.

Diz Lacan no seminário Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: “Esse desejo do analista, não direi de modo algum que não o nomeei ainda, pois como nomear um desejo? Um desejo, o cercamos. Muitas coisas na história nos dão aqui traço e pista” (1990, p.240).

Neste texto, produto do cartel A transferência e a clínica, busco seguir algumas pistas sobre a presença do a na lista - referência do Real na Psicanálise - através do conceito do desejo do analista.

Começamos este percurso sobre o desejo do analista com Freud, nos textos Artigos sobre a Técnica (1914/1990), onde ele se referiu de diversas formas à questão do analista como objeto da transferência, como também à especificidade da escuta analítica. Ao falar do lugar do analista, diz que não existe modelo na vida real, visto que diante da transferência, o analista tem que lidar com movimentos paradoxais:

Amor x resistência;

Não aceitar a demanda de amor, mas também não recusá-la;

Recordar x repetir;

Estática fantasmática x dinâmica da transferência;

Em vez da encenação em ato, o trabalho com o significante.

Realmente, uma posição extremamente complexa: ao mesmo tempo em que o analista não pode fazer valer a inconsistência do Outro de forma precipitada, também não pode encarnar nem o saber, nem a verdade.

Outro texto de Freud que traz indagações sobre a implicação do analista na condução do tratamento é Análise Finita e Infinita (1937/1990), no qual ele define o que esperava de uma análise didática: convicção no inconsciente, construção de um saber sobre si mesmo e o manejo da técnica. Mais adiante, diz que, a partir do que foi trabalhado em análise, se pode contar com a modificação do nível da economia psíquica do sujeito, onde, conforme salienta Nilza Ericson (2015), podemos perceber a ressonância do que foi elaborado por Lacan sobre a travessia do fantasma.

Quanto à convicção no inconsciente, Freud é categórico: não se trata de uma questão de crença ou de acúmulo de conhecimento teórico, e sim de algo que só se alcança a partir da experiência na própria carne. É preciso que o sujeito tenha avaliado que foi a técnica analítica que lhe permitiu fazer a experiência da sua divisão pelo inconsciente. Esse é o ponto de partida: o sujeito faz a experiência do inconsciente e isso só se apreende passando, ou melhor dizendo, pensando, no divã.

Freud é incrivelmente sintético ao definir o que se deve esperar de uma análise: “a análise deve criar as condições psicológicas mais favoráveis para as funções do eu; com isso ficaria desincumbida sua tarefa” (1937/1990, p. 284).

A esta altura, depois de tudo que Freud havia formulado até então, não podemos pensar em algo que consistisse numa solidez, uma consistência do eu, conforme foi entendido por uma corrente da psicanálise contra a qual Lacan sempre se opôs radicalmente. Criar novas condições indica que o trabalho da análise promove modificações na economia do gozo do sujeito (tema que transparece na escrita de Freud quando ele aborda a importância do fator quantitativo das exigências pulsionais), permitindo ao sujeito uma aproximação ao desejo (Ericson, 2015).

Lacan não vai propor um modelo para o analista, mas vai elaborar o conceito do desejo do analista como função essencial na análise, dando à transferência um enfoque estrutural, marca de seu pensamento, questionando sempre: “qual a ordem de verdade que nossa práxis engendra?” (1990, p.249).

No seminário A ética da psicanálise (1991), Lacan se atém ao modo como o analista deve intervir na relação do sujeito ao seu desejo, abrindo a porta para a pergunta sobre o desejo do analista.

É neste seminário que se encontra uma referência muito citada sobre o desejo do analista como *advertido*: o analista sabe que a transferência é uma ficção necessária, mesmo que ele nada saiba de particular sobre o caso e sobre o sintoma. Isto ele não pode esquecer. Além disso, trata-se de um desejo *a-visado* da impossibilidade do encontro com o objeto.

No seminário dedicado a transferência (1992), Lacan fala longamente sobre os textos a respeito da contratransferência, salientando que neste conceito, há uma confusão de funções e pessoas – só há um sujeito na análise, visto que o analista não deve responder com sua pessoa, e sim com sua presença.

Além do clássico comentário sobre o Banquete e a metáfora do amor, para efeitos deste trabalho sobre o desejo do analista, cabe ressaltar o conceito do agalma que Lacan utilizou para se referir à face brilhante do objeto a. Aqui, ele reafirma a importância de o analista não projetar sobre o analisante tal objeto, causa de seu próprio desejo. Isso seria reger a análise segundo os ideais do Outro, o que estimularia, por conseguinte, a identificação ao psicanalista, posição que Lacan sempre se opôs veementemente. Para ele, a psicanálise deve questionar os ideais identificatórios, jamais reforçá-los.

O desejo do analista é retomado com destaque no seminário Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1990), no qual Lacan o designa como função essencial. Expõe a operação analítica como visando manter a distância entre o ideal e o objeto a, devendo o analista declinar dessa idealização para ser suporte do a separador, este “objeto indeglutível que resta atravessado na garganta do significante. É nesse ponto de falta que o sujeito tem que se reconhecer.” (p.255).

Lacan segue na busca da formalização dos operadores clínicos e éticos da psicanálise. Na Proposição de 9 de outubro de 1967 (2003), ele estabelece a dialética entre o sujeito suposto saber como estrutura de ficção e o real que deve operar a partir do desejo do analista. Ainda neste texto, fala da equação de final da análise que envolve uma solução que deve ter efeito de produção, e está centrada na passagem de analisante à analista, ou seja, implica numa mudança de posição que acarreta um desejo novo: desejo do analista, como produto da transferência predestinada à destituição, efeito da falta a ser do analista (Soller,1995).

Uma rápida menção ao discurso do analista, proposto no seminário O avesso da Psicanálise (1992), que parece ser um desdobramento dos pressupostos do desejo do analista, visto que o lugar do agente é ocupado pelo analista como semblante de objeto a. Dessa forma, “o ato analítico ocorre nesse laço social inédito, no qual são promovidas as desidentificações aos ideais do Outro e a libertação do sujeito do poder mortífero das palavras que o determinaram, pois o ato analítico desaliena o sujeito” (Quinet, 2012, p. 55).

Assim, através de intervenções guiadas pelo desejo do analista, tais como cortes, silêncio, possibilidades de outros sentidos, non sense, perguntas, equívocos, até mesmo espanto ou sorrisos advertidos, o analista conduz a direção da experiência analítica.

Ao operar como função, o desejo do analista não é desejo de ideais, nem tampouco de ser analista. A função desejo de analista não está articulada à subjetividade desejante, mas a objetividade da função, como tal, é desejo de causar desejo. (Gomes, 2003).

Desta forma, o desejo do analista opera a torção da demanda (que tem a ver com o gozo) à dimensão do desejo (do real como impossível ou da falta irreduzível ao significante).

Para concluir...

Seguindo a trilha de sua veia paradoxal, Lacan fez elogio tanto a topologia como a poesia em seus últimos Seminários no esforço de abordar os impasses frente ao que, do real, se impõe ao simbólico.

O poeta Manoel de Barros inventou “o reino da despalavra”:

Daqui vem que os poetas devem aumentar o mundo com suas metáforas(...)
Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem conceitos.
Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afeto (2021, p.27).

Então, sigamos “brincando” com as palavras...

Despalavra

Deslimite da palavra

Des supor

Despudor

Des ser

Se há presença do a na lista

A aposta no a está posta:

Para entrelaçar nós

Tecer novos significantes

E se advir desejante.

Ainda, com Manoel de Barros:

“Não havia no lugar nenhum caminho de fugir. A gente se inventa de caminhos com novas palavras”.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. de. *Ensaios fotográficos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021

FREUD, S. Artigos sobre a Técnica. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas Psicológicas Completas*, vol. XII, (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1914/1990.

_____. *Análise Finita e Infinita*. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas Psicológicas Completas*, vol. XXIII, (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1937/1990.

ERICSON, N. *Economia de gozo e final de análise*. Coordenação da publicação: Coelho, M.C.F. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

GOMES, A. Uma função essencial na operação analítica. In: *O desejo do analista*. Publicação da Escola a Letra Freudiana. Ano XXII, nº 30/31, Rio de Janeiro, 2003.

LACAN, J. O seminário, livro 7, *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

_____. O seminário, livro 8, *A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. O seminário, livro 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____O seminário, livro 17, *O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____Proposição de 9 de outubro de 1967. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SOLLER, C. *Variáveis do fim de análise*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

QUINET, A. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.